# A Luta por Samarra As Operações Integrais na Guerra Moderna

**General John R.S. Batiste, Exército dos EUA, e**
**Tenente-Coronel Paul R. Daniels, Exército dos EUA**

LOGO DEPOIS da meia-noite, na madrugada de 1° de outubro de 2004, forças iraquianas e da 1ª Divisão de Infantaria (1ª Div Inf) dos EUA atacaram Samarra, no Iraque, uma cidade predominantemente muçulmana sunni, para eliminar ou capturar forças anti-iraquianas e devolvê-la a um competente controle civil. A operação foi deliberada, precisa e atingiu o inimigo simultaneamente de várias direções. Ao meio-dia, as forças de segurança iraquianas controlaram os principais locais religiosos e governamentais. Em pouco mais de dois dias de luta, havia mais de 125 insurretos mortos, 60 feridos e 128 detidos.

A operação combinada entre as forças de segurança iraquianas e a equipe de combate da 2ª Brigada, comandada pelo Coronel Randy Dragon, derrotou rapidamente o inimigo e libertou Samarra das mãos dos insurretos. Os líderes iraquianos e americanos declararam a operação um modelo para o resto do Iraque.[1] O Governo Interino do Iraque precisava de uma "vitória sunni" para começar uma campanha nacional para negar refúgios seguros aos insurretos e estabelecer as condições para eleições nacionais bem-sucedidas. A vitória da 1ª Div Inf em Samarra foi a primeira desse tipo e teve um efeito estratégico, tanto no Iraque como nos EUA.

Contudo, a vitória na batalha por Samarra no início de outubro de 2004 não marcou nem o começo nem o fim da Operação *Baton Rouge*, que foi uma operação integral. A luta por Samarra não foi ganha no fim da fase dinâmica da operação. O esforço da divisão durante vários meses foi executado em quatro linhas de operações, do nível estratégico ao tático, precedendo e seguindo-se à fase dinâmica. De fato, a fase dinâmica, muito divulgada pela mídia, não foi o ponto decisivo na luta por Samarra. Expulsar as forças anti-iraquianas da cidade era necessário, mas o não suficiente.

## A Preparação para Baton Rouge

Devolver o controle de Samarra para as autoridades civis e policiais iraquianas competentes e respeitadas era decisivo para a operação. Isso exigiu que a 1ª Divisão de Infantaria:

- evitasse a criação de um vácuo de segurança quando as forças da Coalizão reduziram sua presença pós-combate;
- conduzisse simultaneamente operações de informações para reforçar a legitimidade dos líderes civis e das forças de segurança iraquianas e
- começasse esforços de reconstrução para melhorar a qualidade da vida em Samarra, fornecendo alternativas à insurreição para aos seus residentes.

O êxito nessas três tarefas exigia:

- a previsão de um resultado final da operação integral;
- o desenvolvimento de opções baseado nas condições mutáveis em Samarra;
- o estabelecimento das condições certas para a fase decisiva das operações antes do início da fase dinâmica e
- a aplicação dos instrumentos de poder diplomáti-

cos, informativos, econômicos e militares, não apenas nos níveis do Governo Interino do Iraque e da Força Multinacional do Iraque, mas também até o nível de comando de companhia.

Durante a fase de transição das operações, a divisão previa contratempos, até meses após o fim das operações de combate. Essas expectativas foram corretas. No teatro de operações no Iraque, decisivo não significa rápido. A 1ª Div Inf venceu várias batalhas contra insurretos em diversos lugares do Iraque por meio de operações de estabilização e apoio e relativamente baixos níveis de operações de combate. No entanto, a luta da 1ª Div Inf em Samarra é um excelente exemplo de operação integral.

Alguns observadores argumentam que só uma solução não violenta e negociada, liderada por iraquianos, teria sido um verdadeiro êxito em Samarra. Outros apontam a rapidez da fase dinâmica da operação como o fator de êxito. Ambos estão errados; a primeira solução seria inviável e aqueles que defendem a segunda alternativa não têm um entendimento geral das operações. A 1ª Div Inf e as forças de segurança iraquianas estavam perto de chegar a uma solução de paz, mas os insurretos, pela sua força ou pela intimidação, tornam impossível uma solução não violenta.

O êxito de Operação *Baton Rouge* deve-se aos soldados, graduados e comandantes da equipe de combate da 1ª Div Inf por terem entendido as nuanças das operações de estabilização e apoio e das operações de combate, executando-as simultaneamente para:

- reduzir o apoio à insurreição;
- permitir uma rápida e precisa operação dinâmica, com perdas mínimas de vidas inocentes e prejuízo às propriedades civis;
- facilitar uma transição rápida à fase decisiva e
- criar um ambiente no qual a maioria das tarefas difíceis da fase decisiva, aquelas associadas com a transição ao controle iraquiano, pudessem ser resolvidas.

## A violência em Samarra

Em julho de 2003, depois de que as principais operações de combate terrestre da Operação *Iraqi Freedom* terminaram, a Força-Tarefa 1/66 da 4ª Div Inf estabeleceu uma base de operações avançada em Samarra. Devido ao aumento das atividades dos insurretos em Samarra e nas áreas adjacentes, a 4ª Div Inf concebeu a Operação *Ivy Blizzard* em novembro de 2003. Sua missão: eliminar ou capturar o inimigo e devolver o controle de Samarra ao Corpo de Defesa Civil Iraquiano e mais tarde à Guarda Nacional Iraquiana (hoje o Exército Iraquiano). A Operação *Ivy Blizzard* começou em 17 de dezembro de 2003, porém os principais líderes inimigos tinham fugido de Samarra, anticipando-se à hora-H. Em fevereiro de 2004, muitos líderes insurretos já haviam regressado a Samarra para reconquistar sua influência na cidade. Depois da transferência de autoridade da 4ª Div Inf à 1ª Div Inf em março de 2004, Samarra continuou intranqüila.

Em abril de 2004, os ataques contra as forças da coalizão em Samarra aumentaram de 5 para 15 por semana, como resultado das insurreições em Fallujah e Najaf. Alguns dos integrantes das forças de segurança iraquianas desertaram ou colaboraram com o inimigo. Em 30 de maio de 2004, a Força-Tarefa 1/26 (os *Blue Spaders*), a qual tinha assumido a responsabilidade por Samarra depois da transferência de autoridade, iniciou a Operação *Spader Strike*, enfrentando árdua resistência quando procurou eliminar ou capturar alvos altamente compensadores.

Samarra tornara-se um refúgio seguro para centenas de insurretos e combatentes estrangeiros e estava assolada pelas rivalidades das famílias do crime e por 7 tribos maiores e 11 menores, todas competindo para ter mais influência. Em 2 de junho de 2004, o presidente da Câmara Municipal de Samarra renunciou, sendo substituído por um indivíduo conhecido por ter ligações com as forças anti-iraquianas. Quatro dias depois, reforços policiais da província chegaram para ajudar a controlar a cidade, mas a maioria abandonou seus postos ou colaborou com o inimigo. Em junho, o comandante do 202° Batalhão da Guarda Nacional Iraquiana desertou seu posto e a maioria dos seus soldados fez o mesmo. Mais tarde ele foi assassinado nas ruas de Bagdá.

*A vitória na batalha por Samarra no início de outubro de 2004 não marcou nem o começo nem o fim da Operação* Baton Rouge*, que foi uma operação integral. A luta por Samarra não foi ganha no fim da fase dinâmica da operação. O esforço da divisão durante vários meses foi executado em quatro linhas de operações, do nível estratégico ao tático, precedendo e seguindo-se à fase dinâmica.*

Rapidamente criou-se um vácuo na segurança local e o inimigo lançou ataques esporádicos e desorganizados contra as forças da coalizão. Alguns líderes civis apresentaram à polícia uma lista de exigências e prometeram findar as hostilidades se as forças da coalizão e as de segurança iraquiana deixassem a cidade. No início de julho, as forças inimigas mudaram o seu enfoque para o quartel-general (QG) do 202° Batalhão da Guarda Nacional Iraquiana, localizado nos arredores da cidade, na outra margem do Rio Tigre junto

à Base de Patrulha *Razor*. Uma semana mais tarde, um terrorista suicida, usando fardamento policial e dirigindo uma viatura da polícia iraquiana contendo explosivos improvisados, atacou o QG. Quase simultaneamente, as forças anti-iraquianas atacaram a Base de Patrulha *Razor* com armas leves e fogo indireto. Cinco soldados dos *Blue Spaders* morreram e vinte foram feridos.

A equipe de combate da 2ª Brigada isolou a cidade, fechando a ponte sobre o Rio Tigre, o único acesso a Samarra pelo Oeste. Para reafirmar o controle de Samarra foi necessária uma operação de grandes proporções. Em conjunto com a força multinacional do Iraque e o Corpo Multinacional do Iraque, a divisão planejou por um mês o que, mais tarde, seria chamado de Operação *Baton Rouge*. A pergunta-chave "O que deve ser feito para garantir o êxito a longo prazo?"

## O Plano de Campanha

Depois dos ataques inimigos em Samarra e suas áreas adjacentes durante a primavera e o verão, inclusive o ataque traiçoeiro de um homem-bomba contra a Base de Patrulha *Razor*, teria sido fácil para os líderes da 1ª Div Inf verem que Samarra era um problema relativamente óbvio. Tratava-se de uma área urbana, densamente povoada por 250.000 habitantes, sob o controle de centenas de militantes inimigos, que a 1ª Div Inf tinha que eliminar ou capturar.

*Rapidamente criou-se um vácuo na segurança local e o inimigo lançou ataques esporádicos e desorganizados contra as forças da coalizão. Alguns líderes civis apresentaram à polícia uma lista de exigências e prometeram findar as hostilidades se as forças da coalizão e as de segurança iraquiana deixassem a cidade.*

Contudo, observar a luta em Samarra por meio do plano de campanha capacitou os comandantes da 1ª Div Inf para verem muitos problemas complexos sem solução rápida nem fácil. A 1ª Div Inf teria que prever o resultado final dessa operação integral, travar uma campanha deliberada e estabelecer condições para sua fase decisiva. Fora disso, qualquer vitória seria de curta duração e os insurretos preencheriam rapidamente qualquer lacuna de poder. A Operação *Baton Rouge* seria uma operação integral.

A FT *Danger* era uma força-tarefa forte, constituída por 22.000 soldados da 1ª Div Inf, responsável por quatro províncias do centro norte do Iraque.[2] A missão e a intenção do comandante da FT *Danger* (derivadas do plano de campanha da força multinacional do Iraque) era o estabelecimento de quatro linhas de operações:

- governo;
- comunicações;
- desenvolvimento econômico e
- segurança.

As operações integrais*, as quais eram necessárias para romper o círculo de violência dentro das províncias do centro norte do Iraque, simultaneamente:

- executariam operações de combate, guiadas por inteligência, para eliminar ou capturar as forças anti-iraquianas. Simultaneamente equipariam, adestrariam e orientariam as forças de segurança iraquianas;
- criariam relacionamentos com os líderes civis, religiosos e tribais, incentivando-os a estabelecerem governos locais atuantes;
- reconstruiriam a infra-estrutura e a economia da nação;
- mudariam atitudes e
- dariam alternativas à insurreição para os iraquianos.

Em suma, qualquer operação em Samarra tinha que ser impulsionada e integrada ao plano global de campanha. Era também importante formular uma gama de opções para responder às condições mutáveis da cidade.[3]

Em 16 de julho de 2004, a Operação *Baton Rouge* foi aprovada como uma operação de quatro fases. A Fase I destinava-se a estabelecer as condições e realizar os reconhecimentos e a preparação. Durante a Fase II, as forças deviam isolar a área. A Fase III incluía as operações de busca e ataque. A Fase IV era a fase de transição — e decisiva. As Fases de I a III podiam ser adaptadas às condições mutáveis ou eliminadas totalmente.

A FT *Danger* empregou a célula de coordenação de fogos e resultados da 1ª Div Inf, liderada pelo Comandante de Artilharia Divisionária, Coronel Rich Longo, para planejar os objetivos que a divisão almejava em todo o espaço de combate. A divisão planejou programas para alcançar os efeitos letais e não letais ao longo das quatro linhas de operações, sincronizando-os para manter a unidade de esforço em todo o espaço de combate. O estabelecimento das condições em Samarra era um subsistema desse esforço maior.

**Governo**. A 1ª Div Inf definiu a linha de operação como o engajamento dos líderes provinciais, municipais, religiosos, tribais e das forças de segurança iraquianas, que foram denominados "esfera de influ-

---

Full spectrum operations: Os autores usam o termo "operações integrais" para definir toda a gama de atividades realizadas pelo Governo Interino do Iraque e pelas Forças da Coalizão, abrangendo a administração pública, a comunicação social, o desenvolvimento econômico, a segurança e obviamente as operações de combate (chamadas operações dinâmicas), para eliminar ou capturar as força adversas e modificar a atitude da população, oferecerendo-lhe uma outra alternativa à insurgência.—Nota da Editoria Brasileira

Departamento de Defesa

*Soldados da Força-Tarefa 1/26 protegem a Mesquita Dourada em Samarra. (8 de outubro de 2004)*

ência". Isso se deveu à experiência da 1ª Div Inf nos Bálcãs. Os soldados da FT *Danger* interagiram diariamente com a esfera de influência em todos os níveis. Os comandantes de companhia trabalharam com os líderes de bairros ou vilarejos e com os xeiques; os comandantes de batalhões com os grupos de xeiques, conselhos comunitários e prefeitos e os comandantes de brigadas engajaram com governadores das províncias e com conselhos do governo e dos imãs. O comandante da divisão se reuniu mensalmente com os quatro governadores das províncias para uma conferência e convocou um conselho de xeiques, composto pelos xeiques de maior hierarquia e influência provenientes de todos os recantos da área de operações.

A FT *Danger* avançou mais um passo ao formar o Conselho Superior de Assessoria do Iraque constituído por membros acadêmicos proeminentes, médicos, oficiais militares reformados, imãs, xeiques e outras elites. Esse conselho se reunia duas vezes por semana e foi útil para auxiliar a FT *Danger* a enxergar a situação em Samarra pela ótica do povo iraquiano. Os relacionamentos que a força-tarefa desenvolveu com os membros do conselho foram extremamente valiosos.

A 1ª Div Inf exigiu que seus principais comandos subordinados indicassem coordenadores ministeriais para trabalharem com os ministros no nível provincial e, freqüentemente, no nível nacional em Bagdá. Por exemplo, a Brigada de Engenharia da 1ª Div Inf,

comandada pelo Coronel Bill Haight, era responsável pelos ministérios do petróleo e da energia elétrica. O coordenador ministerial do petróleo trabalhou com oficiais iraquianos para assegurar que Samarra tivesse um amplo estoque de combustível, querosene e gás natural depois da cessação das hostilidades. O coordenador ministerial da energia elétrica trabalhou com os representantes do ministério para restaurar e melhorar o serviço elétrico em Samarra e também para desligar rapidamente a luz, em qualquer parte da cidade, para aproveitar as vantagens dos equipamentos de visão noturna durante as operações militares. Os relacionamentos, a confiança e a honestidade fomentados pelos coordenadores com seus contrapartes iraquianos foram essenciais à missão.

**Comunicações**. Qualquer ataque inimigo espetacular foi manchete ao redor do mundo. Em nossa opinião, a mídia internacional, incluindo as maiores redes de televisão americanas e a mídia impressa, deu grande ênfase aos eventos negativos, especialmente durante o período que precedeu a eleição presidencial dos EUA. Sem dúvida, o inimigo, aproveitando-se dos representantes da mídia simpatizantes com sua causa, fez campanhas de desinformação para desacreditar o Governo do Iraque e as forças da coalizão. Para corrigir essa reportagem inexata e incompleta, os aliados precisavam do apoio de operações de inteligência, operações psicológicas e ações de comunicação social ativas, flexíveis e coordenadas. Essa equipe nunca permitiu que uma matéria divulgada ficasse sem a resposta adequada.

*A 1ª Div Inf definiu a linha de operação como o engajamento dos líderes provinciais, municipais, religiosos, tribais e das forças de segurança iraquianas, que foram denominados "esfera de influência". Isso se deveu à experiência da 1ª Div Inf nos Bálcãs. Os soldados da FT Danger interagiram diariamente com a esfera de influência em todos os níveis.*

Por exemplo, a força-tarefa esperava que o inimigo lutasse a partir das mesquitas, utilizasse escudos humanos ao atravessar áreas abertas e concentrasse intencionalmente suas forças em áreas congestionadas. Quando o inimigo confirmou essas expectativas durante a Operação *Baton Rouge*, algumas agências de notícias estavam inclinadas a fazer reportagens sobre as poucas (embora trágicas) mortes de inocentes e atribuí-las ao uso irresponsável do poder de fogo devastador dos EUA — uma conclusão absolutamente falsa. As equipes de operações de inteligência, operações psicológicas e de comunicação social prepararam e coordenaram argumentos para os líderes refutarem essas reportagens. As coberturas jornalísticas subseqüentes por todas as agências de notícias foram corretas. O inimigo utilizara pessoas inocentes e lugares religiosos como escudos e as forças da coalizão e da segurança iraquiana usaram cautela para responder com poder de fogo no nível apropriado.

Além disso, os insurretos, com freqüência, lançavam foguetes e morteiros indiscriminadamente nas cidades do centro norte do Iraque. Depois de um ataque em Tikrit, uma agência de notícias relatou que os civis mortos se encontravam no centro de um fogo cruzado entre as forças americanas e os insurretos. Dentro de uma hora, as ações das equipes de operações de inteligência, operações psicológicas e de comunicação social foram publicadas e transmitidas com mais precisão, sendo também realizada uma cobertura na área pela mídia local para uma verificação independente dos fatos. As agências árabes e internacionais começaram a fazer reportagens corretas sobre o fato, usando o relatório preparado pela divisão. O importante era não deixar passar uma reportagem inexata sem uma tentativa de correção. Esses esforços resultaram que muitas agências de notícias locais e internacionais passaram a verificar regularmente os fatos com o oficial de comunicação social antes da publicação.

A FT *Danger* enfatizou as reportagens que continham boas notícias, não apenas para obter reportagens globais equilibradas e exatas, mas também para informar o povo iraquiano sobre o verdadeiro progresso para a restauração da ordem e para convencê-los que suas forças e líderes eram capazes. Se as informações fossem freqüentes, o conhecimento popular do progresso criaria um momento irreversível para o estabelecimento de um governo representativo e próspero. A força-tarefa assumiu a iniciativa das operações de inteligência e isolou o inimigo da população.

As unidades da divisão produziram diariamente o que haviam chamado de "batida do tambor" — resumos simples, de uma página, em inglês e árabe, publicando boas notícias das quatro linhas de operações — e os distribuíram às fontes da mídia e ao comando superior. Depois da transferência da soberania no Iraque em 28 de junho de 2004, essas reportagens enfatizaram, cada vez mais, a crescente eficácia e independência dos órgãos governamentais e das forças de segurança. Para aumentar a credibilidade do Governo Interino do Iraque perante o povo iraquiano, a célula de coordenação de fogos e resultados gerou temas, mensagens e pontos de discussão para as operações de inteligência, disseminando-as até os comandantes de grupos de combate.

A divisão concedia regularmente conferências coletivas à imprensa, fornecendo-lhe semanalmente

Departamento de Defesa

*A Força-Tarefa 1/26 realiza o cerco, enquanto soldados do 36º Batalhão de Forças Especiais (Exército Iraquiano) conquistam a Mesquita Dourada.*

mais de 120 comunicados em média, e tinha muito cuidado para manter-se imparcial e transparente. A FT *Danger* encorajou os comandantes e soldados a falarem com a imprensa e permitia que jornalistas e repórteres trabalhassem rotineiramente junto às unidades. Esses integrantes da mídia foram valiosos durante a Operação *Baton Rouge*. Esses jornalistas ganharam uma perspectiva da situação na área de operações da divisão que era impossível de ser obtido em Bagdá. Em muitas ocasiões, os jornalistas comentaram que desconheciam o que estava acontecendo na área de operações até quando eles passaram a ser autorizados a trabalhar junto às unidades. Os repórteres tinham acesso ilimitado aos soldados e comandantes e presenciaram, de primeira mão, os eventos da operação, dando mais valor ao significado e impacto dos feitos das forças da coalizão e das forças de segurança iraquiana, bem como os desafios inerentes na restauração do controle iraquiano em Samarra. Como resultado, as audiências iraquianas e internacionais receberam reportagens honestas e equilibradas.

O comandante da divisão gravava semanalmente mensagens para o rádio e os comandantes de brigada e batalhão participavam de programas de entrevistas com seus contrapartes iraquianos nas emissoras de rádio e televisão. Depois da transferência da soberania, a divisão continuou com esses esforços. Preparou líderes iraquianos para apresentações nos programas de rádio e televisão e realizou eventos que incluíam líderes tribais, religiosos e étnicos para discutirem assuntos prementes. O crescimento explosivo da assistência da mídia e da participação entusiástica do público nesses eventos demonstrou sua eficácia no fortalecimento da confiança da população no governo. Essas atividades participativas proporcionaram meios pacíficos e construtivos para discutir as pressões sociais criadas durante o regime de Saddam Hussein.

Além disso, uma estação de transmissão móvel, localizada em uma base avançada de operações a dez quilômetros de Samarra, transmitia mensagens das equipes de inteligência e música iraquiana como parte de uma campanha sofisticada de inteligência para desacreditar as forças anti-iraquianas e ganhar o apoio dos residentes de Samarra. A força-tarefa distribuiu milhares de rádios portáteis por toda Samarra para apoiar esse esforço.

O resultado das operações de comunicações da 1ª Div Inf foi que os habitantes de Samarra entenderam que seria possível ter uma vida melhor se apoiassem (ou pelo menos não se opusessem abertamente) aos esforços da coalizão ou das forças de segurança iraquiana para libertar Samarra do controle das forças

insurretas. O apoio ostensivo às forças da coalizão apresentava riscos para a população de Samarra devido ao nível de intimidação na cidade antes da Operação *Baton Rouge*. Entretanto, depois da fase de execução dessa operação, as informações recebidas da inteligência humana (*HUMINT*) e as mensagens ativas enviadas diariamente ao Centro de Coordenação Combinada da cidade forneceram a inteligência tática necessária para as Forças de Segurança Iraquianas. O 2° Batalhão do Ministério de Informação, designado para Samarra depois da fase dinâmica da Operação *Baton Rouge*, conduziu mais de 200 incursões nos cinco meses seguintes, utilizando as informações proporcionadas pelos habitantes de Samarra. O povo de Samarra sabia que as forças anti-iraquianas impediam o progresso e o retorno à vida normal. As operações de comunicação da 1ª Div Inf reduziram o número de oportunistas ou pessoas neutras disponíveis aos insurretos e criminosos.

*As agências árabes e internacionais começaram a fazer reportagens corretas sobre o [ataque em Tikrit], usando o relatório preparado pela divisão. O importante era não deixar passar uma reportagem inexata sem uma tentativa de correção.*

**Desenvolvimento Econômico**. Outra maneira para separar o povo de Samarra das forças anti-iraquianas era melhorar o padrão de vida na cidade, proporcionando-lhe trabalho e uma alternativa à insurreição. A 1ª Div Inf utilizou o desenvolvimento e a reconstrução de várias maneiras importantes, mostrando o progresso obtido neste local para outras partes da região, a fim de esclarecer aos habitantes de Samarra o que eles estavam perdendo. A 1ª Div Inf enfatizou que o progresso viria a Samarra só depois de que a cidade cumprisse certas condições. A FT *Danger* procurou solucionar as necessidades do povo, mas também as equilibrou para assegurar a melhor aplicação de seus recursos e tempo. Uma vez que as forças da coalizão e as de segurança iraquiana expulsaram o inimigo para fora da cidade, a força-tarefa começou projetos de construção para fortalecer a credibilidade dos novos líderes. A rápida implementação dos projetos permitiu aos líderes bastante tempo para o restabelecimento da normalidade e ofereceu aos indivíduos indecisos outras opções, além da insurreição. Para esse fim, antes de o primeiro tiro ser disparado, foram identificados 22 projetos de grande importância que criariam muitos trabalhos. O Programa Acelerado de Reconstrução do Iraque recebeu contratos para projetos no valor de 10 milhões dólares americanos.

**Segurança**. Era necessário eliminar ou capturar as forças anti-iraquianas em Samarra. Contudo, para assegurar êxito, a 1ª Div Inf tinha que estabelecer outras condições antes de começar as operações dinâmicas. Talvez a mais crítica fosse manter um ambiente estável e seguro. A divisão deveria não apenas eliminar o inimigo, mas também evitar o surgimento de um vácuo de segurança após o fim das operações. Para realizar esta missão, as forças da coalizão e as de segurança iraquiana permaneceram em Samarra, enquanto a força-tarefa recrutou, adestrou e equipou uma força policial de 1.200 homens — em uma tarefa contínua. A divisão alocou poder de combate adicional à equipe de combate da 2ª Brigada para aumentar o esforço principal da divisão.[4] Com a exceção da FT 1/26 e da 1/4 de Cavalaria, que operaram em Samarra e as adjacências, as unidades atacaram durante a marcha e retornaram às suas áreas de responsabilidade no prazo de 96 horas. O posto de comando tático da divisão, comandado pelo General John Morgan, controlou essa fase complexa da operação. Com uma área de operações do tamanho do Estado da Virginia Ocidental (62.000 km$^2$), a divisão decidiu onde correr riscos diários, porém era inaceitável deixar áreas vazias nos setores dos batalhões por longos períodos de tempo. As forças de segurança iraquianas eram necessárias em Samarra.

A equipe de combate da 2ª Brigada recebeu apoio dos Ministérios de Informação e Defesa do Governo Interino do Iraque para integrar elementos de seis batalhões iraquianos na operação planejada.[5] A 1ª Div Inf deixou claro ao Governo Interino do Iraque que seria insensato começar a Operação *Baton Rouge* sem que essas forças iraquianas estivessem em posição, pois elas aumentariam o poder de combate da força, evitando um vácuo de poder e demonstrando a potência e a credibilidade das forças de segurança iraquianas. Infelizmente, a nova burocracia do governo interino demorou em designar essas forças para a divisão, fazendo isso apenas dias antes da execução da operação. O governador da província de Salah Ad Din prometeu trazer centenas de policiais para Samarra depois de as hostilidades cessarem. Em uma base de operações avançada nas vizinhanças, a força-tarefa estocou materiais para a proteção da força a fim de fortificar edifícios governamentais e delegacias de policias. Também preparou equipamento, armas e novas viaturas para as forças policiais, incluindo várias delegacias móveis, construídas pelos engenheiros da FT *Danger* sobre caminhões militares padronizados.

A Operação *Baton Rouge* era uma prova para os novos batalhões do Exército Iraquiano. Alguns dos batalhões tinham sido testados e os resultados foram preocupantes. Em abril e junho de 2004, soldados do

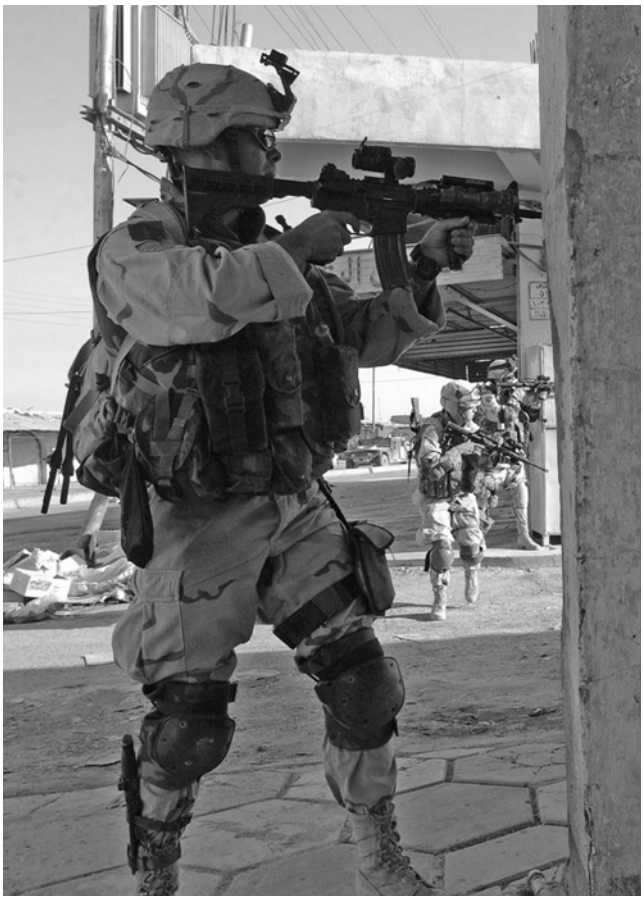
Departamento de Defesa

*Integrantes da Força Tarefa1/77 manobram na cidade durante um assalto. (1º de outubro de 2004.)*

202° Batalhão do Exército Iraquiano, pobremente liderados e adestrados, baseados em Samarra, desertaram suas posições diante do inimigo. A FT *Danger* e a equipe de combate da 2ª Brigada começaram a reconstruir totalmente o 202° Batalhão. Procuraram os líderes certos, recrutaram soldados fiéis à causa, e treinaram e equiparam a organização enquanto essa não estava em contato com o inimigo. Dois grupos de novos recrutas foram treinados na instalação de adestramento da divisão em Tikrit. Essa abordagem foi muito eficaz e mais tarde serviu como modelo para o adestramento dos policiais de Samarra. Um ponto importante é que esses novos recrutas do 202° Batalhão não vieram da área de Samarra. Isso impediu que as forças anti-iraquianas na cidade ameaçassem e intimidassem as famílias dos soldados, o que teria afetado drasticamente a eficácia da unidade.

O plano para retomar Samarra permitiu que apenas as Forças de Segurança Iraquianas entrassem em áreas restritas (como a famosa Mesquita Dourada), um aspecto planejado para enviar outra importante mensagem ao povo iraquiano. As Forças de Segurança Iraquianas, que falavam a língua nativa, também reagiram mais rápidos à inteligência humana fornecida pelos cidadãos de Samarra e pelos insurretos presos, podendo distinguir entre combatentes estrangeiros e iraquianos que não eram originários de Samarra.

A divisão aprendeu uma lição importante obtida pela equipe de combate da 3ª Brigada (*the Dukes*), comandada pelo Coronel Dana Pittard, operando na província vizinha de Diyala: até mesmo com as adicionais forças da segurança iraquianas, as forças da coalizão não deveriam sair de Samarra durante a fase de transição. Em junho de 2004, a equipe de combate da 3ª Brigada derrotou o inimigo em Baqubah, anteriormente um centro de atividade insurreta. Os *Dukes* nunca saíram de Baqubah depois de findar as grandes operações de combate; eles mantiveram uma forte e discreta presença, mas respondiam com força a qualquer movimento do inimigo, o que encorajou as forças de segurança iraquianas. As forças da coalizão, desde então, conservaram uma posição segura na cidade. Permanecer em Baqubah, aumentou a confiança das forças de segurança iraquianas e enviou uma mensagem bem clara às forças anti-iraquianas que não poderiam explorar um vácuo de poder. Conseqüentemente, após a Operação *Baton Rouge* foi necessário que a equipe de combate da 2ª Brigada mantivesse sua posição em Samarra em bases de patrulha permanentes, mais tarde chamadas de Uvanni e Olson (em homenagem a dois soldados americanos mortos durante a batalha por Samarra).[6]



*Soldados da Força-Tarefa 1/77 em Samarra. (1º de outubro de 2004.)*

## A Execução

Em meados de julho, concluído o planejamento da Operação *Baton Rouge*, os comandantes da 1ª Div Inf reuniram-se com os Ministérios de Informação e Defesa em sessões do grupo de planejamento estratégico e do conselho de assessoria em Bagdá para discutir as linhas-de-ação. Naturalmente, todos os participantes desejavam resolver pacificamente a situação em Samarra e o Governo Interino do Iraque queria explorar todas as opções.

**As Operações Preliminares**. A FT *Danger* começou a desencadear as operações para impedir que o inimigo tivesse tempo para montar suas defesas durante as deliberações do Governo Interino do Iraque. Em 22 de julho, a equipe de combate da 2ª Brigada conduziu a Operação *Cajun Mousetrap I,* a primeira de três operações preliminares. As Operações *Cajun Mousetrap II* e *III* seguiram em 5, 13 e 14 de agosto. No total, se estima que 59 insurretos foram mortos e as operações *Mousetrap* permitiram à equipe de combate da 2ª Brigada coletar inteligência crítica sobre como e onde o inimigo pretendia lutar, o que permitiu a brigada empregar seu poder de combate com mais eficácia durante fases II e III da Operação *Baton Rouge*. As operações preliminares persuadiram os líderes proeminentes e residentes de Samarra a procurarem uma resolução pacífica para a crise.

**As Condições para a Paz**. No fim de agosto, o comandante geral da 1ª Div Inf e o comandante da equipe de combate da 2ª Brigada comunicaram às autoridades de Samarra que a cidade tinha que preencher quatro condições para que a ponte sobre o Rio Tigre fosse liberada. Os habitantes de Samarra tinham que:

- identificar e eleger um novo prefeito e câmara municipal;
- nomear um novo chefe de polícia capaz de controlar a situação de segurança;
- cessar todas as atividades insurretas e
- permitir um acesso ilimitado para todas as forças da coalizão e forças de segurança iraquianas pela cidade.

A divisão comunicou essas condições e a temática das mensagens de Operações de Inteligência às seletas esferas de influência — xeiques e imãs proeminentes — cuja participação deu legitimidade a essas negociações. Até 10 de setembro, Samarra tinha elegido a câmara municipal e escolhido um chefe de polícia, e as forças da coalizão e de segurança iraquianas entraram na cidade, pela primeira vez em muitas semanas, sem nenhuma restrição. Como resultado, a 1ª Div Inf liberou a ponte sobre o Rio Tigre por períodos limitados de tempo. Porque Samarra atingira as condições estabelecidas, a equipe de combate da 2ª Brigada começou imediatamente a Fase IV de Operação *Baton Rouge*. As forças da coalizão consultaram os líderes locais e juntos finalizaram os contratos para 22 projetos importantes de reconstrução e de melhoramento da infra-estrutura.

**Uma Onda de Violência**. Lamentavelmente, a pausa na atividade insurgente foi breve. Entre 10 e 19 de setembro, as forças anti-iraquianas atacaram as forças da coalizão e de segurança iraquianas no mínimo 83 vezes. Em 16 de setembro, o chefe de polícia temporário de Samarra sucumbiu à intimidação e demitiu-se. A atividade do inimigo aumentou drasticamente no dia seguinte. Em 19 de setembro, a equipe de combate da 2ª Brigada fechou a ponte do Rio Tigre e se preparou para voltar à Fase I-B.

Embora as condições exigidas para resolver a situação pacificamente não fossem seguidas, as tentativas da 1ª Div Inf para alcançar uma solução não violenta deram legitimidade às forças da coalizão e às forças de segurança iraquianas para operações futuras, permitindo aos xeiques convencer a população de Samarra

a não apoiar os insurretos nem resistir às operações das forças da coalizão e as forças de segurança iraquianas.

Entretanto, o 7° e 202° Batalhões do Exército Iraquiano desdobraram-se para as áreas de concentração perto de Samarra. O 7° Batalhão começou ensaios e treinamentos com a equipe de combate da 2ª Brigada. Dispor de forças adicionais de segurança iraquianas era útil, mas a sua acolhida e posicionamento foram um desafio para o sobrecarregado Comando de Apoio da Divisão, o 167° Grupo de Apoio do Corpo de Exército, os engenheiros da Divisão e o 264° Grupo de Engenheiros de Combate. Liderados pelo Gen Steven Mundt, o Comando de Apoio da Divisão e os engenheiros executaram com rapidez um plano excelente para construir uma nova base de operações avançada para alojar o 7° Batalhão do Exército Iraquiano. Sem instalações adequadas, esses soldados iraquianos teriam que regressar para suas casas. Em virtude da participação das forças de segurança iraquianas ser um elemento crítico para o êxito, a 1ª Div Inf não podia deixar isso acontecer.

**A Solução Dinâmica**. Em fins de setembro, por meio da violência e intimidação, o inimigo tinha tornado o governo de Samarra e a sua força policial ineficazes. Os moradores de Samarra queriam resolver pacificamente a situação, mas a insurreição atingiu níveis que os líderes da cidade e a nova força policial não podiam controlar. O Governo Interino do Iraque reconheceu que a solução dinâmica era inevitável. Em 28 de setembro, o Governo Interino do Iraque decidiu formalmente conduzir operações ofensivas para derrotar a insurreição.

Logo depois da meia-noite, na madrugada de 1º de outubro, as forças da coalizão e de segurança iraquianas começaram a Fase II da Operação *Baton Roug*e, um ataque bem treinado, deliberado e preciso, de várias direções para eliminar ou capturar o inimigo. Antes do meio-dia, os principais lugares governamentais e religiosos estavam sob o controle das forças de segurança iraquianas e a maioria dos inimigos estava derrotada.

## Continuação da Operação Baton Rouge

As forças da coalizão e de segurança iraquianas agora controlavam a cidade, mas elas ainda aguardavam desafios mais difíceis. Como previsto, formar uma força policial foi o principal objetivo de transição ao controle iraquiano. O progresso aconteceu vagarosamente. Em novembro de 2004, ao mesmo tempo em que era conduzida a Operação *Al Fajr*, na cidade de Fallujah, um número de insurretos retornou à cidade, diversas vezes, para atacar a força de segurança iraquiana, matando 15 policiais de uma só vez.

Em meados de novembro, Samarra havia tido 6 diferentes chefes de polícia em um período de seis meses e o governo da província não cumprira a sua promessa de fornecer centenas de policiais. De fato, a Província de Salah Ah Din se excluiu de qualquer responsabilidade sobre Samarra depois que o Ministério de Informação do Iraque nomeou um administrador interino para dirigir as operações policiais, desestimulando a Província de investir tempo ou recursos na cidade.

Embora os esforços para fortalecer a força policial avançassem lentamente, a decisão tomada em dezembro pelo Ministério de Informação de remover a autoridade provincial da força policial de Samarra reverteu muito do que já fora cumprido nos dois últimos meses. Contudo, em janeiro de 2005, a 1ª Div Inf retornou a iniciativa para estabelecer uma força policial coesa. Em 3 de fevereiro, o primeiro grupo de 280 policiais iniciou um programa intensivo de adestramento em Tikrit, longe dos olhos do inimigo. Um novo Chefe de Polícia competente e dedicado acompanhou o grupo.

*Lamentavelmente, a pausa na atividade insurgente foi breve. Entre 10 e 19 de setembro, as forças anti-iraquianas atacaram as forças da coalizão e de segurança iraquianas no mínimo 83 vezes. Em 16 de setembro, o chefe de polícia temporário de Samarra sucumbiu à intimidação e demitiu-se. A atividade do inimigo aumentou drasticamente no dia seguinte.*

Apesar do início turbulento em estabelecer a força policial, outras forças de segurança iraquianas que operavam na cidade começaram a exercer pressão no restante dos insurretos e criminosos que ameaçavam Samarra. A perda de mais de 90 esconderijos de armas e depósitos de munição para forças da coalizão e de segurança iraquianas, após outubro de 2004, afetaram severamente os insurretos. Orientadas pela inteligência, as incursões para capturar ou eliminar as forças anti-iraquianas continuaram a manter o inimigo desequilibrado, sem refúgio e limitado na habilidade de conduzir operações ou atos de intimidação. Os insurretos não estavam preparados nem eram capazes de se defenderem contra as ações do Batalhão de Comandos da Polícia Especial do Ministério de Informação. Os soldados do Ministério de Informação estão reduzindo gradualmente o número de combatentes das forças anti-iraquianas, impedindo novo recrutamento para a insurgência e ganhando o respeito e a confiança dos habitantes de Samarra.

## Análise Pós-Ação

A vida em Samarra já voltou ao normal. As escolas estão abertas, os negócios estão se recuperando e os serviços de luz e água já superam os níveis anteriores à Operação *Baton Rouge*. Os projetos essenciais coordenados com os líderes locais em setembro foram implementados imediatamente após o término das operações de combate. No início da fase de reconstrução e estabilização foram lançados 136 projetos adicionais, superando o valor de 15 milhões de dólares americanos. Quatro meses após as operações dinâmicas, 46 projetos foram completados e 44 já começaram. Trabalhando com o Corpo Multinacional do Iraque, a Divisão obteve mais de 25 milhões de dólares americanos do Governo Interino do Iraque para a reconstrução de Samarra. Em novembro, a Divisão pediu e recebeu mais 10 milhões de dólares americanos para manter seu ritmo de desenvolvimento na cidade.

Embora os sunnis de Samarra ainda estejam apreensivos sobre seu papel no novo Iraque, os insurretos e criminosos já não controlam Samarra. A Operação *Baton Rouge* implantou esperança de um futuro melhor em Samarra. Esse caminho para o futuro não pode mais ser contido. Um xeique disse: "Estamos orgulhosos de Samarra não ter se convertido em uma segunda Fallujah."[7] Em 30 de janeiro, as eleições bem-sucedidas garantiram uma tendência irreversível. Os cidadãos de Samarra têm agora uma alternativa à insurreição.

As forças da coalizão ainda estão trabalhando na fase decisiva da Operação *Baton Rouge*. Uma vitória verdadeira — segurança e estabilidade sob autoridade competente civil e policial a longo prazo — exigirá persistência e paciência. Contudo, a Operação *Baton Rouge* parece ter validado a doutrina das operações integrais do Exército — eliminar ou capturar o inimigo, mudar atitudes e fornecer alternativas à insurreição.***MR***

### Referências

1. Veja "Rumsfield sees retaking of Samarra as Model: Defense Secretary Outlines Three-Step Process for Defeating Iraqi Resistance," *The Washington Post*, 5 de outubro de 2004, p. A20. Veja também "Rumsfield: Samarra is Model." Cincinnati Post, 5 de outubro de 2004, p. A4. Para os comentários pelo Ministro do Interior, Falah Naqib, e do Conselheiro de Segurança Nacional, Qassim Daoud, veja "U.S., Iraqi Forces Control Samarra; Sporadic Fighting Continues After Major Offensive North of Baghdad," *The Washington Post*, 3 de outubro de 2004, p. A30; "Aided by Iraquis, U.S. Seizes Part of Rebel Town," *The New York Times*, 2 de outubro de 2004, p.A1; "Americans and Iraqis Press Effort to Secure Samarra," *The New York Times,* 3 de outubro de 2004, p.A23.

2. O Centro Norte do Iraque é constituído pela Províncias de Salah ad Din, Diyala, Kirkuk (antigo At Ta´mim) e Sulamaniyah.

3. Os líderes da equipe de combate da 2ª Brigada desenvolveram o conceito de formular uma gama de opções, o que permitiu ao comandante dessa equipe escolher de uma lista de ações letais e não letais baseada na situação dinâmica em Samarra.

4. A 1/4 Cavalaria, as Forças-Tarefas (FT) 1/26, FT 1/18, FT 1/77, FT 1/14, a 2/108 Infantaria (INF), C-1/150 INF, FT 1/7, o 9° de Engenheiros, e a 1/1 de Aviação. A FT 1/7 foi baseada na 1/7 Artilharia de Campanha, o batalhão de artilharia e apoio direto para a equipe de combate da 2ª Brigada. Com menos seções de canhões, o batalhão adestrou e desdobrou como uma força-tarefa de batalhão de infantaria mecanizada. A FT 1/14 é um batalhão de infantaria leve designado à 2ª Brigada, 25ª Divisão de Infantaria (Div Inf). O 2/108 INF é um batalhão de infantaria de assalto aéreo da Guarda Nacional de Nova York. O 2/25 e o 2/108 INF passaram a integrar a FT *Danger* durante a Operação *Iraqi Freedom II*. O 1/150 INF é parte da equipe de combate da 30ª Brigada (Guarda Nacional de Carolina do Norte). A equipe de combate da 30ª Brigada também foi integrada à FT *Danger* durante a Operação *Iraque Freedom II*.

5. As formações das forças de segurança iraquianas incluíram os 201º, 202º, 203º e 7º Batalhões do Exército Iraquiano, o 1º Batalhão de Comandos de Policía Especial do Ministério de Informação, e o 36º Batalhão de Comandos.

6. A base de patrulha Uvanni foi denomeada em homenagem ao Sargento Michael A. Uvanni, o único soldado morto na Fase III da Operação Baton Rouge, de 1º a 4 de outubro de 2004. Uvanni, integrante da Companhia C, 2º Batalhão, 108ª Infantaria, Guarda Nacional de Nova York, foi morto pelo fogo de um franco atirador na manhã de 1º de outubro. Outra base de patrulha, originalmente denominada Casino, foi, mais tarde, chamada de Olson em homenagem ao Sargento Todd Olson, Companhia C, 1/128 INF, Guarda Nacional de Wisconsin, que morreu em Samarra a 26 de dezembro de 2004.

7. Declaração do xeique Najmi em uma reunião do conselho de assessoria superior do Iraque em dezembro de 2004.

*O General John R.S. Batiste é o Comandante da 1ª Divisão de Infantaria, que recentemente retornou do Iraque. Possui os títulos de Bacharel pela Academia Militar dos EUA, de Mestre pela Escola de Pós-Graduação da Marinha e o Curso de Comando e Estado Maior do Exército dos EUA (ECEME/EUA). O General Batista já desempenhou várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA, Europa (incluindo a Bósnia-Herzegovina), Kuwait, Iraque e Coréia.*

*O Tenente-Coronel Paul R. Daniels foi o Assistente Especial do Comandante durante a Operação Iraqi Freedom II e, em junho de 2000, assumiu o cargo de comandante do 1º Batalhão, 33ª Artilharia de Campanha da 1ª Divisão Infantaria. Possui os títulos de bacherel pelo* Stevens Institute of Tecnology*, de Mestre pela* Kennedy School of Government *da Universidade de Harvard e o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. É Membro do Conselho de Relações Exteriores e Assuntos Internacionais. O Tenente-Coronel Daniel já desempenhou várias funções de comando e estado-maior nos EUA, Europa, Kuwait, Iraque, Japão e Haiti.*

*Os autores agradecem o apoio dos Coronéis Keith Cooper e Wayne Grigsby e os Majores James MacGregor, Scott Znamenacek, Steven Maranian e dos comandantes das organizações militares da 2ª Brigada da 1ª Div Inf.*